

**PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ABORDAGEM SOBRE O
MÉTODO QUALITATIVO**Simaria de Jesus Soares¹**RESUMO**

Este artigo aborda sobre a pesquisa qualitativa como uma metodologia de pesquisa complementar (e não justaposta) à pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa se caracteriza pelo desenvolvimento conceitual, de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo ou interpretativo a partir dos dados encontrados. Tem caráter exploratório, subjetivo e espontâneo, percebido pelos métodos utilizados neste tipo de pesquisa, como observação direta, entrevistas, análise de textos ou documentos e de discursos de comportamento gravados. Utilizou-se, como metodologia para este estudo, a análise por meio da revisão de literatura, apontando o que autores como Casarin; Casarin (2012), Lüdke; André (2014), Minayo (2014), Pope; Mays (2005), dentre outros, abordam sobre o tema. Como resultado, são discutidos os pontos que justificam a complementaridade das pesquisas qualitativas e quantitativas e sua utilização para explicação de dados e fenômenos sociais.

Palavras-chave: Metodologia científica; Pesquisa científica; Pesquisa Qualitativa.

Abstract

This article discusses about the qualitative research as a complementary research methodology (and not juxtaposed) to quantitative research. The qualitative research is characterized by conceptual development, facts, ideas or opinions, and inductive or interpretive understanding from data found. Has exploratory, subjective and spontaneous character, perceived by the methods used in this type of research, such as direct observation, interviews, analysis of texts or documents and recorded behavior of speeches. It was used as a methodology for this study, the analysis through the literature review, pointing out what authors like Casarin; Casarin (2012), Lüdke; Andrew (2014), Minayo (2014), Pope; Mays (2005), among others, discuss on the topic. As a result, the points that justify the complementarity of qualitative and quantitative research and its use for data explanation and social phenomena are discussed.

Keywords: Scientific Methodology; Scientific Research; Qualitative Research.

¹ Professora. Especialista em Gestão e Docência em EaD (UFSC). Especialista em Gestão Pedagógica nas ETSUS (UFMG). Especialista em Saneamento e Meio Ambiente (Unimontes). Mestre em Educação (UNIUBE). E-mail: simaria.soares@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa quase sempre é avaliada como o tipo de metodologia onde os conceitos levantados são imensuráveis.

De fato, a pesquisa qualitativa se expressa mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa.

Tais observações, também estão no entendimento de Pope e Mays (2005), quando os autores, entendem que a pesquisa qualitativa se vincula às vivências e à interpretação compreendida destes fenômenos sociais. Para os autores,

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa *interpretativa* (POPE; MAYS, 2005, p.13, grifos do autor).

Nesse sentido, confere-se à pesquisa qualitativa, um formato que vai além do que é previsível, mensurável ou informativo.

Tal fato possibilita que, em diversas situações, os dados quantitativos sejam analisados e contemplados sob uma ótica qualitativa. Tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa se erguem sob a abordagem do problema de pesquisa ordenado, visando de forma diferenciada, à verificação das causas que lhe são atribuídas.

Lüdke e André (2014) destacam que, segundo Bodgan e Biklen (1982), para a verificação das informações, há uma preocupação com o olhar participante e comportamental do entrevistado, diferente dos dados lógicos e expresso nas entrevistas e/ou gravações:

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bodgan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p.14).

Esta preocupação se torna ainda mais relevante, quando se atenta para outro ponto, não menos importante, levantado por Pope e Mays (2005), que se refere ao local de pesquisa. Ao se estudar, o observado ou entrevistado, em seu ambiente natural, possibilita-se uma análise real dos acontecimentos.

Um segundo aspecto distinto da pesquisa qualitativa, e um de seus pontos fortes, é que estuda pessoas em seus ambientes naturais e não em ambientes artificiais ou experimentais (POPE; MAYS, 2005, p.14).



Ao perquirir o sujeito, fonte de informações e sua realidade sociopolítica, o pesquisador encontra e permite-se dispor de métodos variados, de meios e caminhos que ampliem sua investigação. Desta forma, os sujeitos revelam dados e expressam o que eles mostram. Para Minayo (2014),

(...) na formulação de uma pesquisa, não é suficiente compreendê-los como operações lógicas e se estão corretamente concatenados. É preciso, além disso, estender o sentido histórico e sociológico de sua definição e das combinações que produzem (MINAYO, 2014, p.177).

Nesta perspectiva, Pope e Mays (*op cit*) veem o pesquisador como participante de sua análise, imprimindo significado aos elementos quantitativos:

Um outro aspecto da pesquisa qualitativa (ênfático por alguns autores) é que ela frequentemente emprega diversos métodos ou adota uma abordagem “por métodos múltiplos”. Observar as pessoas em seu próprio território implica, assim, observar, juntar-se a elas (*observação participante*), falar com elas (entrevistas, grupos focais e conversas informais) e ler o que elas escreveram (POPE; MAYS, 2005, p.14, grifos do autor).

Já, na análise de Lüdke e André (2014), ao se envergarem sob o ângulo de Patton (1980), além de se exigir dedicação e criatividade do pesquisador ao observar os sujeitos, estima-se também que o pesquisador seja coerente com o que delineou e com o que se pretende com o estudo.

A postura firme e coerente do pesquisador garante ao seu trabalho, a ínfima neutralidade que se exige da pesquisa científica. Salienta-se que ao traçar um plano de pesquisa, se o pesquisador não respeita este planejamento pode se perder em outros desdobramentos provocados pelo problema e que surgem ao longo do caminho.

Minayo (2014) também enfatiza que o perfil do pesquisador deva ser mais dinâmico, apontando que

A investigação qualitativa requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos (MINAYO, 2014, p.195).

Ao comportamento do pesquisador estima-se o grau de alcance de sua pesquisa. Ao passo que seja capaz de cruzar elementos quantitativos e qualitativos, interpretando os dados sob sua observação e análise participante, imprimindo em suas apreciações, o reflexo de sua postura crítica, criativa, flexível e investigativa, imbuída de elementos significativos de sua pesquisa.



Para atingir este fim, este trabalho tem como objetivo, abordar sobre a pesquisa qualitativa como uma metodologia de pesquisa complementar (e não justaposta) à pesquisa quantitativa.

Nesta intenção, argui-se sobre o levantamento do problema de pesquisa, que norteia esta atividade: *Quais os pontos que justificam a complementaridade das pesquisas qualitativas e quantitativas e sua utilização para explicação de dados e fenômenos sociais?*

“A colocação clara do problema desencadeará a formulação da hipótese geral a ser comprovada no decorrer do raciocínio” (SEVERINO, 1984, p.111). Apoiando o planejamento e para que haja o delineamento deste estudo, busca-se por meio da revisão de literatura, elucidar os conceitos, pois “estabelecendo e delimitando o tema do trabalho e formulados o problema e a hipótese, o próximo passo é o levantamento da documentação existente sobre o assunto” (*op cit*, p.113).

Ao fazer a distinção e aproximação das pesquisas qualitativa e quantitativa, no que consiste o levantamento da literatura sobre o tema, credencia-se o estudo e a verificação dos elementos investigados.

O papel dos elementos a serem recolhidos será fundamentalmente o de reforçar, apoiar e justificar as ideias pessoais formuladas pelo autor do trabalho. Estes elementos retirados das várias fontes dão às várias afirmações do autor, além do material sobre o qual trabalha, a garantia de maior objetividade fundada no testemunho e na verificação de outros pensadores (SEVERINO, 1984, p.116).

Neste contexto, firma-se o propósito de se discutir, sob a análise dos teóricos, os conceitos, as características e a relação entre pesquisa qualitativa e quantitativa, considerando a sobreposição ou convergência de finalidades destas metodologias.

Uma abordagem sobre pesquisa qualitativa

As publicações em geral, demonstram a afinidade existente entre a pesquisa qualitativa e quantitativa.

Pope e Mays (2005) lecionam que “os métodos qualitativos e quantitativos estão sendo cada vez mais usados juntos para responder a questões de pesquisa” (POPE; MAYS, 2005, p.14).

Tal afirmativa defende o propósito que se apresenta neste estudo, do fato de que pesquisas quantitativas e qualitativas são utilizadas concomitantemente para responder de forma complementar, o objeto e problema de pesquisa. “Em vez de as abordagens quantitativas e qualitativas serem vistas como opostos metodológicos, cada uma pode ser vista como complementar à outra” (POPE; MAYS, 2005, p.15).



Bodgan e Biklen (1982) citados por Lüdke e André (2014), retratam características da pesquisa qualitativa, que confirmam esta tese:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que o produto.
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 12-14).

Aqui os dados recebem uma nova roupagem, quer sejam observados em seu ambiente natural ou (re) significados de acordo com o entendimento do pesquisador, induzindo suas descobertas a determinados fins.

O universo da atividade humana criadora, afetiva e racional. O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam (MINAYO, 2014, p.24).

Igualmente, verte-se sobre o caráter da interpretação e das relações sociais vivenciadas pelos sujeitos. Toda pesquisa imbui-se dos fatos que a norteiam e se expressa pelos caminhos que a constroem, surgindo uma questão iminente, sobre o que, de fato, é o método qualitativo? Para Minayo (2014),

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2014, p.57).

Para Casarin e Casarin (2012), “independentemente do título e do tema pesquisado, os objetivos de uma pesquisa qualitativa envolvem a descrição de certo fenômeno, caracterizando sua ocorrência e relacionando-o com outros fatores”. (CASARIN; CASARIN, 2012, p. 33). Desta forma, relacionam-se também, objeto e contexto, na intenção de se colaborar e em explicar o que se pesquisa.

O objeto principal de discussão são as *Metodologias de Pesquisa Qualitativa*, entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes *aos atos, às relações, e às estruturas sociais*, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 2014, p. 22-23, grifos da autora).



Para inferir sobre o conceito deste método de pesquisa, Casarin e Casarin (2012), estabelecem algumas diretrizes sobre as características da pesquisa qualitativa.

Nesse contexto, estas características se envergam sobre aspectos que descrevem a pesquisa qualitativa, com o caráter de propriedade a que seus resultados se prontificam. Para Casarin e Casarin (*op cit*):

- A *subjetividade* provoca debates e adota novos significados ao assunto investigado.
- O estímulo à *multiplicidade* de opiniões diversas analisa de ângulos diferentes e esclarecem a realidade.
- A diversidade de *interpretação* relaciona-se à subjetividade e multiplicidade, indicando como a pesquisa é investigada.
- A *narração* tem um caráter discursivo, sugestivo e impositivo, o pesquisador contextualiza e argumenta, inserindo suas convicções para convencimento do leitor.
- Não há estruturação na *coleta de dados*, indicando que possa ser fechada ou padronizada.
- E por fim, para a análise de dados, a interpretação está sujeita ao tipo de dados coletados, tendo “como opção, por exemplo, análise de conteúdo, análise do discurso e métodos hermenêuticos” (CASARIN; CASARIN, 2012, p. 36).

Completando as ideias destes autores, Bardin (1979, *apud* Minayo, 2014), trazem as finalidades da análise do método qualitativo como proposta de investigação social, nestes termos:

(a) a primeira é heurística. Isto é, insere-se no contexto de descoberta a que a pesquisa se propõe. (b) A segunda é de “administração de provas”, que se realiza por meio do balizamento entre os achados, as hipóteses ou os pressupostos. (c) A terceira é a de ampliar a compreensão de contextos culturais, ultrapassando-se o nível espontâneo das mensagens (BARDIN, 1979, *apud* MINAYO, 2014, p.300).

Assim, a pesquisa qualitativa vai da descoberta à compreensão dos fatos no contexto cultural, pela interpretação dos fatos encontrados, extrapolando a quantificação das informações por meio da indução e argumentação e imprimindo as opiniões do pesquisador.

Métodos utilizados na pesquisa qualitativa

Dentre os diversos formatos da pesquisa qualitativa, ressaltam “a pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso” (Lüdke; André, 2014, p.15), o “roteiro de entrevista, roteiro para participante e roteiro para discussão de grupos focais” (MINAYO, 2014, p.189), “a



observação direta, entrevistas, análise de textos ou documentos e de discursos de comportamento gravados (fitas de áudio/vídeo)” (POPE; MAYS, 2005, p.17).

As entrevistas, segundo Pope e Mays (*op cit*) podem ser *estruturadas*, na medida em que os entrevistadores são treinados e as entrevistas são padronizadas; *entrevistas semi-estruturadas*, conduzidas mais livremente, com questões abertas, dando espaço para divergências ou aprofundamentos; entrevistas em profundidade, ainda menos estruturadas e em maior detalhe no tipo de questionamento (POPE; MAYS, 2005).

Pope e Mays (2005) ainda alertam sobre a postura dos entrevistadores, que se esforçam para serem interativos e sensíveis à linguagem do entrevistado, adaptando-se aos horários e disponibilidade dos mesmos. Nesta perspectiva, tendem a ir além do que está sendo discutido naquela lista de questões centrais de temas a serem cobertos, assim, buscam formas de detalhar outras questões ainda não abordadas na pesquisa, baseando-se nos objetivos de estudo.

Patton (1987, *apud* Pope e Mays, 2005) confirma esta ideia, apontando:

(...) que as boas perguntas nas entrevistas qualitativas devem ser abertas, neutras, sensíveis e claras para o entrevistado. Listou seis tipos de questões que podem ser perguntadas: aquelas baseadas no comportamento ou na experiência, na opinião ou no valor, no sentimento, no conhecimento, na experiência sensorial e aquelas sobre detalhes demográficos ou de formação (POPE; MAYS, 2005, p.23-24).

Sendo assim, o pesquisador pode estampar em sua entrevista e no decorrer de seu estudo qualitativo, outros apontamentos que acreditar necessários ao tema discutido, fomentando novas discussões e maior mergulho no estudo, agora mais familiarizado.

O pesquisador como instrumento de pesquisa

Um bom pesquisador se coloca como um instrumento de pesquisa e documenta tudo que observa, sendo que isso transmite a ele maior responsabilidade. Na pesquisa observacional, o pesquisador de qualidade produz descrições detalhadas daquilo que coleta e da análise dos dados. Para Pope e Mays (2005), isso exige bem mais que capacidade de observação, exige “boa memória e um registro claro, detalhado e sistemático” (POPE, MAYS, 2005, p.46).

Às vezes é possível fazer uma anotação ou gravar informações no ambiente, outras vezes isso pode não ser prático ou pode ser postergado. Recordar eventos e conversas é importante e é uma capacidade que precisa de prática. A memória pode ser ajudada pelo uso de anotações rabiscadas, quando possível, durante a observação (POPE; MAYS, 2005, p.46).



Para Holstein e Gubrium (1995, *apud* Pope; Mays, 2005), ao falar dos instrumentos de pesquisa, apontam a entrevista como dinâmica, uma vez que o entrevistado recebe apoio ativo do entrevistador, coletando informações diretas e se construindo narrativas a partir de suas narrativas.

Patton (1987, *apud* Pope; Mays, 2005) revela três táticas para sustentar o controle numa entrevista: “conhecer o objetivo da entrevista, fazer as perguntas certas para obter a informação necessária e oferecer *feedback* verbal e não-verbal adequado” (POPE; MAYS, 2005, p.25-26, grifos do autor).

Para ajuda na memória das entrevistas qualitativas são previstos diversos registros, tais como anotações imediatas, anotações posteriores e gravações em áudio (POPE; MAYS, 2005, p.26).

Um melhor resultado se procede quando as investigações se dão em “grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica de atores, de relações e para análises de discursos e documentos” (MINAYO, 2014, p. 57).

Desta forma, ao reunir pensamentos de uma pessoa ou grupo(s) [grupos focais], elaboram-se conhecimentos que auxiliarão na proposição e solução aos problemas de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 2014).

Os grupos focais são lembrados por Pope e Mays (2005) como uma forma de comunicação que favorece a comunicação entre os participantes. Nesse sentido, ao responderem juntos a uma mesma questão, quebra-se o gelo, os entrevistados interagem entre si, divergem, debatem e comentam experiências e pontos de vista.

O entrevistador atento e de posse de todos os registros possíveis, pode ressaltar expressões, culturas e normas comuns ao grupo.

Por meio da análise do funcionamento ou do humor, do consenso e do dissenso e do exame dos diferentes tipos de narrativa empregados no grupo, o pesquisador pode identificar conhecimento compartilhado e comum. (HUGHES, 1993, *apud* POPE; MAYS, 2005, p.32).

Estas observações e registros indicam a sensibilidade do pesquisador e credenciam os “grupos focais uma técnica de coleta de dados particularmente sensível em termos culturais, sendo essa a razão pela qual são tão frequentemente na pesquisa intercultural e no trabalho com minorias étnicas” (POPE; MAYS, 2005, p.32).

As observações e inferências do entrevistador pesquisador não podem acontecer de forma aleatória ou imprecisa, pois, se houver divergência entre os pesquisadores, a pesquisa perde sua credibilidade.

Na pesquisa qualitativa, a indexação dos dados e o desenvolvimento de categorias analíticas em geral são desempenhados por um único pesquisador. Entretanto, alguns pesquisadores qualitativos têm



prestado atenção à noção de que análises qualitativas podem carregar um peso maior quando são consistentes entre pesquisadores (POPE; MAYS, 2005, p.95).

Sendo assim, a pesquisa qualitativa emprega “categorias analíticas para descrever e explicar fenômenos naturais” (Pope; Mays, 2005, p.89). Isso possibilita maior coerência e consistência na forma como os dados são obtidos.

Pesquisa Qualitativa x Quantitativa

A escolha de um tipo de pesquisa não importa na necessidade de exclusão de outrem. Quanto mais se aprofunda na identidade dos dados, mais análises são possibilitadas e mais confrontos com a realidade social dos fatos discutidos. “As pesquisas científicas podem apresentar aspectos qualitativos e quantitativos, sendo que um pode complementar ou subsidiar o outro no momento da análise dos resultados obtidos!” (CASARIN; CASARIN, 2012, p. 31).

Há duas vertentes entre distinção e similaridade das pesquisas qualitativas e quantitativas, sendo assim,

Primeiro, existem aqueles que discutem que a pesquisa qualitativa em todos seus aspectos representa um paradigma distinto que origina um tipo diferente de conhecimento daquele produzido pela pesquisa quantitativa. Portanto, distintos critérios de qualidade devem ser aplicados. Em segundo lugar, existem aqueles que discutem que não existe uma filosofia separada do conhecimento que sustenta a pesquisa qualitativa e que os mesmos critérios devem ser aplicados à pesquisa qualitativa e à quantitativa. Em cada posição, é possível observar uma variedade de visões (POPE; MAYS, 2005, p.103).

Pope e Mays (2005) concordam com o sentido da similaridade e intenções afins entre estes métodos:

A pesquisa qualitativa não é útil apenas como o primeiro estágio da pesquisa quantitativa. Também tem um papel a desempenhar na “validação” da pesquisa quantitativa ou no oferecimento de uma perspectiva diferente sobre os mesmos fenômenos sociais (POPE; MAYS, 2005, p.15).

Para estes autores, “os *insights* fornecidos pela pesquisa qualitativa ajudam a interpretar ou a compreender mais completamente os dados quantitativos” (POPE; MAYS, 2005, p.15, grifo do autor). Além de a pesquisa qualitativa completar o trabalho quantitativo, ela pode incrementar estudos sociais, não alcançados pela pesquisa quantitativa (*op cit*, 2005).

Esclarece Minayo (2014) que, nesta comparação, não há prioridade de um método sobre outro. Cada um “tem seu papel, seu lugar e sua adequação”, sendo que “ambos pode conduzir a resultados importantes sobre a realidade social” (MINAYO, 2014, p.57). Já para Casarin e Casarin (2012), na pesquisa qualitativa não há priorização da contagem dos dados e



informações, há maior preocupação com a descrição sobre modelos matemáticos e estatísticos.

Conforme Minayo (2014), “a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais é sua propriedade inerente e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes” (MINAYO, 2014, p.25). Sendo assim, para Severino (1984), a interpretação é também apropriação das ideias, é o diálogo com o autor e com sua produção, é explorar a produção e transformá-la em outros desdobramentos.

Interpretar, num sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim é dialogar com o autor (SEVERINO, 1984, p.92).

Em síntese, Minayo (2014) indica que a experiência de trabalho com as abordagens qualitativas e quantitativas indica que:

(1) elas não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto de pesquisa; (2) uma investigação de cunho quantitativo pode ensejar questões passíveis de serem respondidas só por meio de estudos qualitativos, trazendo-lhe um acréscimo compreensivo e vice-versa; (3) que o arcabouço qualitativo é o que melhor se coaduna a estudos de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos; (4) que todo o conhecimento do social (por método quantitativo ou qualitativo) sempre será um recorte, uma redução ou uma aproximação; (5) que em lugar de se oporem, os estudos quantitativos e qualitativos, quando feitos em conjunto, promovem uma mais elaborada e completa construção da realidade, ensejando o desenvolvimento de teorias e de novas técnicas cooperativas (MINAYO, 2014, p.76).

A triangulação de métodos

Pode-se dizer que não existem soluções absolutas para não se encontrarem erros na pesquisa qualitativa. Os processos podem sim, melhorar a validade e evitar possíveis erros, mas ainda assim, dependerão da avaliação do pesquisador e do leitor.

Uma forma de se evitar erros e comprovar as interpretações é pela triangulação de métodos ou técnicas de pesquisa, que ainda tem a intenção de concatenar as ideias e comparar os resultados.

Para Minayo (2014), os princípios da triangulação cursam da *complexidade*, que enfatiza as interações e inter-retroações dos fenômenos, onde se destacam as relações com suas características e propriedades específicas, a inseparabilidade da ordem e da desordem dos projetos e a irredutibilidade do acaso, do incerto e do inacabado; e da *organização recursiva* que, complementar à complexidade, retrata “o papel do observador e do objeto; da



racionalidade e da emoção; da natureza e da cultura, da ordem e da desordem; do uno e do múltiplo; da ciência e do senso comum; do pensamento e da ação” (MINAYO, 2014, p.366).

Autores como Denzin (1979), Jick (1979), Samaja (1992) e Minayo (1993) estudaram tecnicamente a triangulação metodológica, mostrando que seus princípios ecoam no interior de larga tradição das Ciências Sociais, por motivos práticos de validade ou por razões epistemológicas (MINAYO, 2014, p.362).

Minayo (2014), ainda comenta sobre o valor da triangulação metodológica, pois, um método por si não é capaz de levantar todos os elementos de uma investigação. Recita também, sobre as diversas óticas e ângulos ofertados pela triangulação, proporcionando maior lucidez teórica, aprofundando discussões de forma interativa e intersubjetiva.

A proposta de triangulação, segundo Minayo (*op cit*) depende de duas condições imprescindíveis: da exigência de uma equipe cooperativa e multiprofissional, sob a qual a abordagem qualitativa e quantitativa produzirá a unidade sintética do múltiplo e do uno, com reflexões profundas em torno do objeto, para sua compreensão e explicação multidimensional; e da competência profissional individual, com capacidade de diálogo inter e transdisciplinar, permitindo aprofundamento teórico-metodológico em relação ao conhecimento do objeto.

Minayo (2014) também aponta alguns passos para elaboração da triangulação de métodos. Estas etapas podem se desdobrar em sete passos:

(1) formulação do objeto ou da pergunta referencial que vai guiar todo o processo; (2) elaboração dos indicadores; (3) escolha da bibliografia de referência e das fontes de informação; (4) construção dos instrumentos para a coleta primária e secundária das informações; (5) organização e realização do trabalho de campo; (6) análise das informações coletadas; (7) elaboração do informe final (MINAYO, 2014, p.367).

Nesta intenção e a partir da triangulação de métodos, podem-se prever as etapas desde o planejamento, execução e relatório final, de forma que se cerquem de precisão e controle, e na intencionalidade de aprofundamento teórico e metodológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos apontamentos provocados por este estudo, pode-se concluir que tanto a pesquisa qualitativa quanto a pesquisa quantitativa, precisam uma da outra. Os métodos não são excludentes e ambas partem de um problema, em busca de solução ou resposta.

No entanto, analisar aspectos qualitativos não é uma mera atividade. Para sua execução, precisa-se ater com rigor, método e ordem para se atingir o grau de reflexão esperado para os dados coletados. A capacidade, o treinamento e a experiência do pesquisador definirão a qualidade da análise e do trabalho desenvolvido.



O entendimento qualitativo é indutivo, interpretativo e argumentativo, o que possibilita ir além do mensurável ou meramente informativo, escapando daquilo que seja previsível. Outra característica marcante deste processo é que além de analisar fenômenos sociais, busca em forma de pesquisa interpretativa, os significados, enfatizando mais intensamente o processo que o produto.

Do pesquisador qualitativo exige-se uma postura firme, seu caráter é dinâmico e se expressa, participante de sua análise.

Embora haja um embate entre alguns autores que apontam um paradigma distinto à pesquisa qualitativa contra aqueles que defendem não existir separação entre as filosofias, o que se percebe é que a pesquisa quantitativa pode ser analisada sob a ótica qualitativa e que as pesquisas qualitativas e quantitativas, são comumente utilizadas concomitantemente.

Em suma, pode-se dizer que ao compararmos as pesquisas qualitativas e quantitativas, perceber-se que as duas são complementares, indicando interação na abordagem de pesquisa; ambas as pesquisas podem fornecer insumos para explicar a outra, dando maior compreensão e reflexão sobre os dados; a pesquisa qualitativa está mais voltada para compreender realidades de grupos sociais, mas ainda assim indicará uma parte do todo, uma amostra aproximada da situação real vivenciada; e enfim, que ao invés de se justaporem, as pesquisas qualitativa e quantitativa, juntas, podem traçar um ideário mais completo e aproximado do que é real, o que é positivo ao completo desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, a alternativa mais esclarecedora da afinidade existente entre estas vertentes, é o que se apresenta pela triangulação de métodos com a intenção de sistematizar e concatenar ideias, corroborando resultados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BODGAN, R.; BIKLEN, S.K. **Qualitative research for education**. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: Intersaberes, 2012. 200 p.

FARQUHAR, C. Are focus suitable for 'sensitive' topics? In: BARBOUR, R.; KITZINGER, J. **Developing focus group research: politics, theory and practice**. London: SAGE, 1999.

HOLSTEIN, J.A; GUBRIUM, J.F. **The active interview**. London: Sage, 1995:56

HUGHES D; DUMONT K. **Using focus groups to facilitate culturally anchored research**. American Journal of Community Psychology 1993; 21:775-806.



LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2ª edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. 407 p.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation.** Beverly Hills, Ca.: SAGE, 1980.

PATTON, M. Q. **How to use qualitative methods in evaluation.** London: SAGE, 1987:108-143.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde.** 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. 118 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático científico na Universidade.** 11ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1984. 195 p.

Artigo recebido em: 03/05/2019.
Artigo aceito em: 26/07/2019.

